

ESTUDO ETNOGRÁFICO SOBRE PESSOAS EM SITUAÇÃO DE RUA EM UM GRANDE CENTRO URBANO

ETHNOGRAPHIC STUDY ON HOMELESS PEOPLE IN A BIG URBAN CENTER

ESTUDIO ETNOGRÁFICO SOBRE PERSONAS QUE VIVEN EN LA CALLE EN UNA GRAN CIUDAD

Miguir Terezinha Vieccelli Donoso¹
Marisa Antonini Ribeiro Bastos²
Camila Rodrigues de Faria³
Aurelino Alves Costa⁴

¹ Enfermeira, Doutora. Professora Adjunto do Departamento de Enfermagem Básica da Escola de Enfermagem da Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG. Belo Horizonte, MG – Brasil.

² Enfermeira. Doutora em Enfermagem. Professora titular da Faculdade de Ciências Humanas, Sociais e da Saúde da Universidade FUMEC. Belo Horizonte, MG – Brasil.

³ Acadêmica do Curso de Enfermagem da Escola de Enfermagem da UFMG. Bolsista da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Minas Gerais – FAPEMIG. Belo Horizonte, MG – Brasil.

⁴ Acadêmico do Curso de Enfermagem da Escola de Enfermagem da UFMG. Belo Horizonte, MG – Brasil.

Autor Correspondente: Miguir Terezinha Vieccelli Donoso. E-mail: miguir@enf.ufmg.br
Submetido em: 04/10/2012 Aprovado em: 10/10/2013

RESUMO

Pessoas em situação de rua fazem parte da paisagem urbana e os profissionais da saúde não podem ficar isentos a esse processo. Este estudo teve como objetivo compreender a experiência das pessoas em situação de rua no contexto histórico e social. Utilizou-se como referencial teórico a etnografia. Para coleta de dados, utilizaram-se observação participante e entrevista aberta. O critério da saturação foi adotado para definição do número de entrevistados. A população foi constituída por 17 pessoas. A maioria está na rua há vários anos e a escolaridade variou do ensino fundamental incompleto a superior completo. Inicialmente foram levantados 21 domínios culturais, sendo que destes emergiram sete taxonomias. O uso de drogas foi considerado o tema cultural, por ter sido recorrente em vários domínios e também em cinco taxonomias. Sugere-se que mais estudos sobre o tema sejam realizados, pois se trata de seres humanos que algum dia possuíram uma vida estruturada.

Palavras-chave: Sem-Teto; Grupo Social; Etnografia.

ABSTRACT

Homeless people are part of the urban landscape and health professionals cannot be exempted from this process. This study aimed to understand the experience of homeless people in the historical and social context. Ethnography was used as a theoretical reference. Participant observation and open interviews were used for data collection. The saturation criterion was adopted for defining the number of respondents. The population consisted of 17 people. Most had been living on the streets for several years and education levels ranged from elementary school to university education. Initially 21 cultural domains were surveyed, and of these 7 taxonomies emerged. Drug use was considered the cultural theme, because it had been recurrent in various domains and also in 5 taxonomies. It is suggested that further studies on the subject are conducted, because this is about human beings who one day had a structured life.

Keywords: Homeless; Social Group; Ethnography.

RESUMEN

Las personas que viven en la calle forman parte del paisaje urbano y los profesionales de la salud no pueden estar ajenos a tal proceso. Este estudio tuvo como objetivo comprender la experiencia de las personas en situación de calle dentro del contexto histórico y social. Se utilizó como referente teórico la etnografía. La recogida de datos se realizó por medio de observación participante y entrevistas abiertas. Se adoptó el criterio de saturación para definir el número de entrevistados. La población objeto de estudio estaba formada por 17 personas. La mayoría vivía en la calle desde hacía varios años y su instrucción variaba entre la escuela primaria y la superior completa. Fueron planteados inicialmente 21 campos culturales de los cuales surgieron siete taxonomías. Se consideró que el uso de drogas era el tema cultural porque fue recurrente en varios campos y también en cinco taxonomías. Se sugiere que se realicen más estudios sobre el tema porque se trata de seres humanos que alguna vez tuvieron una vida estructurada.

Palabras clave: Personas Sin Hogar; Grupo Social; Etnografía.

INTRODUÇÃO

Há crescente número de pessoas que são excluídas das estruturas convencionais da atual sociedade, como emprego, moradia e privacidade. Viver na rua sempre pressupõe condições precárias de vida, discriminação, baixa autoestima e abandono da sociedade de uma forma geral e de seus antigos vínculos familiares.¹

A definição de população de rua é complexa, pela multiplicidade de fatores pessoais que as mantêm nessa condição. As várias formas de se tentar encontrar soluções dadas à subsistência e à moradia dificultam a formulação de conceitos mais objetivos.

A população rualizada apresenta como característica comum o estabelecimento do espaço público da rua, como campo de relações privadas, e a vivência da exclusão social pelo trinômio: expulsão, desenraizamento e privação.^{2,5,36}

As pessoas em situação de rua fazem parte da paisagem, principalmente dos grandes centros urbanos; e os profissionais da saúde não podem ficar insensíveis a esse processo, pois a questão da vulnerabilidade encontra-se inserida no mesmo. Destacamos que o espaço das ruas é um dos elementos mais diversos entre os que povoam o imaginário popular de qualquer sociedade urbana.³

A ausência de contatos constantes com o núcleo familiar (como base de sustentação material e afetiva) leva a pessoa em situação de rua a carecer de um grupo de pertencimento.⁴

Consideramos esses aspectos no mínimo preocupantes para os profissionais da saúde, pois estes têm um papel crítico e reflexivo no tocante ao cuidado de pessoas, dentro de seu universo social.

A literatura reconhece a necessidade de sensibilizar enfermeiros(as) no que se refere às particularidades das pessoas em situação de rua, uma vez que o ato interpessoal de cuidar exige o conhecimento e o respeito da individualidade do ser.¹ Vários são os problemas que contribuem para o aumento da vulnerabilidade dessas pessoas: uso de drogas, doenças resultantes da má qualidade de vida, entre outros. Para lidar com tais situações, o Ministério da Saúde criou o Consultório de Rua. Trata-se de estratégia do Plano Emergencial de Ampliação de Acesso ao Tratamento e Prevenção em álcool e outras Drogas no Sistema Único de Saúde – PEAD.⁵ Dessa forma, o link entre os profissionais da saúde e as pessoas em situação de rua encontra-se oficialmente formalizado. No entanto, a responsabilidade dos profissionais da saúde não é apenas a de atender pessoas em situação de rua, mas principalmente pensar nos caminhos de enfrentamento que podem ser construídos numa perspectiva ampliada de valorização da vida e de exercício da cidadania. Nesse processo de enfrentamento, o saber e o fazer devem estar articulados, a fim de possibilitar novos olhares e novas formas de cuidado para uma atenção integral às pessoas. A prática no espaço da rua deve incorporar o saber, a experiên-

cia e a cultura das pessoas que o constituem e deve ser construída a partir de uma relação interpessoal baseada no vínculo, no acolhimento e na escuta qualificada.⁵

Dessa forma, este trabalho surgiu da necessidade de se estudar numa perspectiva qualitativa, a questão das pessoas em situação de rua – as quais consideramos privadas do exercício da cidadania – no contexto histórico e social. O que as leva a viver nas ruas? Quais as motivações para tal atitude? A abordagem qualitativa é inerente ao estudo da subjetividade humana, sendo que a etnografia foi escolhida como referencial teórico, pois esta deve ser entendida como a descrição de uma cultura. Essa cultura pode ser a de um pequeno grupo tribal numa terra exótica, de uma turma de uma escola dos subúrbios ou de tantos outros, sendo a tarefa do investigador etnográfico compreender a maneira de viver no ponto de vista dos nativos da cultura em estudo.⁶ Dessa forma, entendemos as pessoas em situação de rua como sendo os nativos da cultura em estudo.

Espera-se, assim, contribuir com reflexões acerca da vivência em situação de rua, para que essa realidade seja contextualizada e enfrentada.

OBJETIVOS

Compreender as motivações das pessoas em situação de rua: o que as levou a viver nas ruas e o que as mantém nessa condição.

Compreender a experiência de vida dessas pessoas.

TRAJETÓRIA METODOLÓGICA

Realizou-se estudo etnográfico, uma vez que este é adequado para se compreender a complexidade dos fenômenos culturais.^{7,8} O trabalho de campo se inicia quando são feitas perguntas etnográficas que devem surgir da situação social estudada.⁷

Os sujeitos desta pesquisa foram pessoas em situação de rua na cidade de Belo Horizonte, que foram abordadas agrupadas ou sozinhas. Como instrumento de coleta de dados, utilizou-se a entrevista aberta contendo a pergunta: “o(a) senhor(a) poderia falar sobre sua situação de vida atual?” As entrevistas foram gravadas e transcritas manualmente na íntegra. A definição da amostra se deu pelo critério da saturação.

Além da entrevista aberta, utilizamos a observação participante. Durante alguns dias – anteriores ao início das entrevistas – frequentamos o parque e as duas praças onde essas pessoas costumam permanecer, cenários desta pesquisa. Observando os cenários, pudemos reconhecer algumas de suas rotinas, seus hábitos e a forma como passam os dias: como se alimentam, com quem convivem, com quem dividem seu cotidiano de vida. Alguns se recusaram a ouvir-nos durante nossa apresentação e se retiraram, talvez se sentindo invadidos. Outros dois se recusaram

a participar da pesquisa. Os que conversaram compartilharam conosco o contexto de suas vivências e o fizeram naturalmente.

A coleta de dados ocorreu durante os meses de outubro e novembro de 2011. Esses dois meses foram suficientes para alcançarmos a saturação, que ocorreu por ocasião da 18ª entrevista. Procuramos essas pessoas em horário diurno. Após esclarecimentos, estas foram convidadas a participar da pesquisa. O projeto de pesquisa foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da UFMG (COEP), sob registro 0586.0.203.000-10, em 02 de março de 2011. Os nomes dos entrevistados não foram divulgados. Todos eles assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE).

Por questões éticas, os nomes dos entrevistados foram substituídos por números, que vão de E (entrevistado) 01 a E 18.

A análise de dados etnográficos é um processo contínuo, cíclico e simultâneo à coleta de dados por meio da qual são identificados os significados culturais.⁷ As questões etnográficas surgem da análise dos dados provenientes das entrevistas e observações. Dessa forma, a análise dos dados foi intercalada com o trabalho de campo num processo cíclico.

A análise de domínio é o primeiro tipo de análise etnográfica. Seu objetivo é identificar domínios culturais, que são categorias de significados culturais. Da análise de domínio surgem questões estruturais que visam a compreender a organização cultural. Esta é a análise taxonômica dos dados etnográficos. A taxonomia estabelece a relação entre os termos inclusos de um domínio cultural, mostrando a sua organização interna. Visão mais ampla da cultura é obtida pela identificação de temas recorrentes, a partir do processo de imersão nos dados e validação com os informantes.⁷

O etnógrafo busca tanto os detalhes de uma cultura (análise de domínio, taxonômica e componencial), como também mapear os aspectos mais amplos do cenário cultural em estudo (análise temática). A busca de temas envolve a identificação de princípios cognitivos que aparecem de forma recorrente.

As principais estratégias para a realização da análise temática são a imersão nos dados e a elaboração de diagramas sistemáticos da cena cultural. A partir daí o etnógrafo pode identificar temas universais. No presente estudo foram realizadas as análises de domínios e taxonômicas, além da identificação de um tema cultural.⁷

RESULTADOS

A população deste estudo foi constituída por 18 pessoas, sendo 17 homens e uma mulher. A maioria está na rua há vários anos, embora dois referissem ter assumido a situação de rua há apenas alguns dias. A escolaridade variou do ensino fundamental incompleto a superior completo. Não houve analfabetos na amostra. Em relação aos hábitos de vida, quase todos possuem um lugar fixo para dormir, que pode ser um dos albergues da prefeitura ou um local na rua como debaixo de um viaduto ou um banco de praça.

Durante a etapa de observação participante, pudemos perceber que muitos vivem em grupos. Poucos permanecem sozinhos no seu dia-a-dia. Percebemos também que, nos grupos, geralmente um deles assume a posição de líder. Eles conversam, riem e dividem alimentos e bebidas.

Quanto à análise etnográfica, inicialmente foram levantados 21 domínios culturais: tipos de drogas citadas; consequências do uso de drogas; perfil da pessoa em situação de rua; formas de expressar os sentimentos sobre a vida; causas que levaram a pessoa à situação de rua; formas de explicar o amadurecer precocemente; causas do amadurecimento precoce; tipos de atividades na rua; causas de recaída nas drogas; formas de enfrentar a realidade das ruas; tipos de sentimento de perda na situação de rua; tipos de expectativas para o futuro; formas de expressar a vivência na rua; tipos de dificuldades no trabalho; tipos de sentimentos em relação à família; formas de expressar a religiosidade; tipos de atividades antes da vivência de rua; fontes de apoio às pessoas em situação de rua; tipos de autopercepções dos moradores de rua; tempo em que vive na rua; motivos que mantêm a pessoa em situação de rua.

Desses domínios, foram construídas oito taxonomias, com suas respectivas subdivisões:

TAXONOMIA 1: CAUSAS QUE LEVARAM A PESSOA À SITUAÇÃO DE RUA

- **causas familiares:** desentendimentos familiares; morte de familiares;
- **questões de segurança:** risco de morte;
- **condições financeiras:** perda do emprego; impossibilidade de comprar uma casa;
- **dependência de drogas:** dependência química, dependência de álcool;
- **causas ligadas à vida afetiva:** relacionamentos que não deram certo; traição.

TAXONOMIA 2: PERFIL DA PESSOA EM SITUAÇÃO DE RUA

- **sofrem de algum vício:** usuários de drogas;
- **procedem de outros lugares:** do interior de Minas Gerais; de outros estados;
- **tinham uma vida estruturada:** tinham família estruturada; tinham posses.

TAXONOMIA 3: FORMAS DE ENFRENTAR A REALIDADE DAS RUAS

- **relacionadas ao sono e conforto:** buscando o banho; dormindo no albergue; dormindo na rua;

- **relacionadas à alimentação:** empenhar-se pelo almoço; pedindo comida;
- **relacionadas ao cotidiano das ruas:** andando sem lugar certo; buscando apoio das pessoas; usando álcool;
- **relacionadas à obtenção de dinheiro:** trabalhando; pedindo esmola.

TAXONOMIA 4: TIPOS DE EXPECTATIVAS PARA O FUTURO

- **expectativas positivas:** voltar para a terra natal; aposentar-se; voltar ao mercado de trabalho; parar com as drogas; dar a volta por cima;
- **expectativas negativas:** apresenta desânimo total.

TAXONOMIA 5: CAUSAS QUE MANTÊM A PESSOA NA SITUAÇÃO DE RUA

- **benefício do estado:** albergues e comida;
- **ligadas à cidade:** Belo Horizonte é uma cidade boa para moradores de rua;
- **opção:** a pessoa não quer voltar; não quer parar com as drogas; quer liberdade;
- **apoio de outras pessoas:** ajuda dos outros.

TAXONOMIA 6: FONTES DE APOIO ÀS PESSOAS EM SITUAÇÃO DE RUA

- **organizações não governamentais (ONG):** profissionalização; alimentação;
- **estado:** albergue; benefícios/ cartão metropolitano;
- **caridade:** doações de mantimento; ajuda em dinheiro;
- **ajuda religiosa:** Igreja.

TAXONOMIA 7: TIPOS DE AUTOPERCEPÇÕES DO MORADOR DE RUA

- **autopercepções positivas:** considera seu nome limpo; é trabalhador; sente-se um ser humano;
- **autopercepções negativas:** considera-se um mendigo; tem vergonha da situação; compara-se a um cachorro; verbaliza a tristeza; sente-se ridículo; sente-se excluído.

TAXONOMIA 8: FORMAS DE EXPRESSAR A VIVÊNCIA NA RUA

- **expressões ligadas às emoções:** tristeza;
- **expressões ligadas à sobrevivência:** dificuldade; cansaço; sofrimento.

DISCUSSÃO

TAXONOMIA 1: CAUSAS QUE LEVARAM A PESSOA À SITUAÇÃO DE RUA

Os desentendimentos familiares apareceram de forma expressiva. Pode-se reforçar a ideia dos vínculos familiares quebrados: “Aí começou, um jogava uma coisa na minha cara, o outro jogava. Eu tomava banho, um batia na porta. Fazia compra em certo supermercado, falava: ah, tá pouco. Aí começou. Todo dia. Enchia minha cabeça, minha cabeça, minha cabeça!” (E3)

A morte de familiares, principalmente da mãe, é a causa da desestruturação de algumas famílias. Isso leva à reflexão sobre o forte papel materno na esfera familiar, uma vez que, para os entrevistados, a ida para a rua foi depois do falecimento de um familiar: “Depois do falecimento da minha mãe[...] foi depois” (E2).

O luto, como não é um processo linear, não tem data para terminar. Pode durar meses e anos ou mesmo nunca acabar, na dependência direta das características individuais da personalidade e ainda do nível e intensidade de relação que se manteve com a pessoa falecida.⁹

As dependências química e de álcool aparecem em vários relatos como agentes causadores da atual situação: “Minha família sempre me mandou eu embora de casa, por causa da droga, né” (E1). “Mas como eu bebi demais, eu acabei destruindo meu casamento” (E15).

Observa-se que o uso de drogas e de álcool não só contribui para o processo de exclusão social e de “rualização”, como também mantém a pessoa nessa situação. O próximo depoimento mostra essa realidade: “Eu vim pra rua porque eu sou usuário de cachaça e de crack” (E18).

A utilização do crack por pessoas em situação de rua pode ser explicada pelo seu preço aparentemente baixo, fácil disponibilidade e efeito potente. Apesar de o uso dessa substância ter se propagado entre distintas classes sociais, a associação entre seu uso e a pobreza ou, mais ainda, estar em situação de rua e ser usuário de crack é ainda hegemônica.¹⁰

Por outro lado, as bebidas alcoólicas – especialmente aguardente – são de fácil aquisição e consumidas a qualquer hora do dia.

Entre as causas ligadas à vida efetiva, chamaram a atenção os relatos de traição da antiga companheira, descrevendo a ocorrência de infidelidade conjugal: “Falei que ia viajar, e eu num peguei ela com outro?” (E9).

Trabalho sobre aspectos da identidade masculina na pós-modernidade¹¹ abordou a reação do homem frente à traição de suas companheiras. Muitos dos entrevistados consideravam a traição feminina “um golpe desferido diretamente no seu ego viril”. Em muitas respostas, o autor percebeu que alguns ho-

mens se responsabilizam pela traição feminina e sentem-se diminuídos como homens nessas situações.

TAXONOMIA 2: PERFIL DA PESSOA EM SITUAÇÃO DE RUA

Novamente o álcool e as drogas aparecem como componentes do perfil de muitas pessoas em situação de rua. Nossos dados corroboram pesquisa sobre pessoas na mesma situação,¹² em que os autores consideram o alcoolismo um dos elementos que caracterizam a pessoa “rualizada” como agente determinante da rualização ou, ainda, como efeito da mesma.

O uso das drogas, e principalmente do *crack*, foi constatado neste estudo. Este dado também foi observado em estudo etnográfico sobre jovens em situação de rua em duas grandes cidades brasileiras. Os autores referem que a grande maioria dos pesquisados apresentava um padrão de consumo compulsivo de drogas, especialmente de *crack*.¹⁰

Um entrevistado, ao relatar que “E na rua do mesmo jeito, não modifica nada[...] eu continuo usando *crack*, eu continuo usando pedra...” (E18) parece considerar o *crack* algo inerente à sua própria vida.

Um fato marcante no perfil dos entrevistados é que muitos possuíam vida socialmente estruturada, com família, emprego e bens: “[...] eu já tive o meu carrinho, já tive carteira de motorista, já tive o carro” (E9). A progressiva familiarização com o ambiente da rua parece contribuir para a aceitação desse novo cotidiano, onde as relações com o “outro lado” vão sendo substituídas, mas quase nunca esquecidas. Essas pessoas tinham casa, família, trabalho, posses, enfim, faziam parte de outro grupo social, do qual foram excluídos ou mesmo se excluíram.

As pessoas em situação de rua, na sua maioria, têm em sua trajetória a referência de ter realizado algum trabalho, que foi importante na constituição de suas identidades sociais. Em algum momento, algum infortúnio atingiu suas vidas, seja a perda do emprego, seja o rompimento de algum laço afetivo, fazendo com que aos poucos fossem perdendo a perspectiva de projeto de vida, passando a utilizar o espaço da rua como sobrevivência e moradia.¹³

A taxonomia 3 apresenta as formas de enfrentar a realidade nas ruas, relacionadas ao sono e conforto, alimentação, o cotidiano das ruas e a falta de dinheiro.

TAXONOMIA 3: FORMAS DE ENFRENTAR A REALIDADE DAS RUAS

As formas de enfrentar a realidade das ruas aparecem configuradas na luta pelo instinto natural de sobrevivência, onde a busca do suprimento de necessidades extremamente básicas como alimentação e local para dormir constituem o dia-a-dia

dessas pessoas. “Tem um abrigo lá em cima, que eles dão abrigo, entendeu?” (E12).

Novamente observamos a busca pelo álcool, desta vez como forma de encarar a situação de rua. Alguns admitem que o álcool é essencial para que continuem vivendo: “A pinga é pra eu incentivo, pra gente ativar a vida” (E15). O álcool, por ser droga lícita, é normalmente aceito pela sociedade,¹⁴ ainda que sabidamente prejudicial.

A situação de mendicidade, neste estudo, não se apresenta totalmente desvinculada de trabalho, como no imaginário social. Alguns trabalham como catadores de lixo reciclável ou têm algum vínculo laboral: “Aí, depois arrumei um serviço, eu tenho meu serviço, tenho meu serviço, então[...] aí arrumei serviço na cooperativa” (E10).

Outros sobrevivem de esmolas: “Pede esmola de um e de outro, tem uns que têm um coração e ajuda” (E11).

O ato de dar esmolas pode ter diversos significados. Dar alimento, roupas, pagar um lanche podem não ser entendidos como dar esmolas, mas como alternativas a essa prática.¹⁵

No que se refere às expectativas de futuro, observamos que há expectativas positivas relacionadas à esperança de uma vida melhor. Alguns têm intenção de voltar para a terra natal, com o objetivo de recomeçar a vida de outra forma.

TAXONOMIA 4: TIPOS DE EXPECTATIVAS PARA O FUTURO

Esse aspecto remete a questões sociais brasileiras, em que muitos ainda deixam a terra natal na expectativa de uma vida melhor. Geralmente, a migração é motivada por fatores socioeconômicos, pela carência de recursos, de trabalho, de alimento e de condições de vida, os quais propiciam a motivação para se buscar, em outras terras, aquilo que a terra natal não supre.¹⁶ Infelizmente, nem sempre o resultado é o esperado, como sugere este estudo.

Alguns esperam se aposentar, pois anseiam um rendimento fixo que garanta uma vida melhor e outros sonham em voltar ao mercado de trabalho: “E eu tô dormindo aqui até eu caçar o direito de aposentadoria [...]” (E14) “[...] eu tô procurando realmente é me voltar ao mercado de trabalho e não ficar na rua” (E9).

Se pensarmos no alto número de pessoas sem emprego ou sem trabalho, faz-se necessária uma reflexão sobre questões psicológicas e sociais decorrentes dessa condição. A pessoa desempregada carrega rótulos: “vagabunda, irresponsável”. O sonho de voltar ao mercado de trabalho pode ser um resgate da cidadania.

As drogas voltam a aparecer como termos inclusos, uma vez que o desejo de abandoná-las é verbalizado por alguns entrevistados: “[...] eu queria parar com as drogas, me libertar desse vício” (E13). Os depoimentos reiteram o que já é de conhecimento público, quanto à dificuldade de deixar o vício das drogas.

Há também expectativas negativas, em que a pessoa não apresenta esperança de sair da situação de rua, caracterizando desânimo total: “[...] acho que vou morrer dessa maneira, não sei como [...]” (E15).

Ser considerado desnecessário, incômodo e ameaçador muitas vezes implica tornar-se também passível de eliminação, simbólica ou mesmo física.¹² Acreditamos que essa eliminação simbólica dos “rualizados” não só é despertada nos domicílios, mas também no grupo dos “rualizados”, que talvez sintam autopiedade, resultando em desânimo e falta de representativas expectativas de vida.

Paradoxalmente, observamos neste estudo que as causas que mantêm as pessoas na rua estão atreladas a benefícios em prol das mesmas, como auxílio do Estado (albergues e comida) ou, ainda, a ajuda de outras pessoas.

TAXONOMIA 5: CAUSAS QUE MANTÊM A PESSOA NA SITUAÇÃO DE RUA

Os relatos a seguir mostram que, segundo os sujeitos, os albergues e a comida são benefícios oferecidos para as pessoas em situação de rua: “quantas pessoas pegaram benefício de moradia que tem, que o Estado dá e volta pra rua? Quantos tão lá no albergue e pegaram o auxílio moradia e vivem lá no albergue? Né? Então a gente não pode nem reclamar.” (E7) “Agora, a sociedade geral aqui ela te dá albergue pra dormir, te dá comida no meio da rua a dois real, cê quer trabalhar pra quê?” (E15) Acreditamos que os benefícios não poderiam ocorrer isoladamente, mas interligados a programas educativos, que visassem ao resgate da autoimagem, da autoestima e à vontade de reinserção na sociedade, pois:

[...] mesmo existindo uma sincera piedade, o aspecto pernicioso que atua subjacente a esta concepção é o de contribuir para a construção da identidade do indivíduo em situação de rua como alguém inferior e digno de pena por suas mazelas, além de ser uma crença que dificulta a criação de possibilidades para estes indivíduos conquistarem suas saídas das ruas. É uma visão que favorece ações meramente assistencialistas e paliativas, o que, provavelmente, tende a manter o problema.^(4:51)

Alguns entrevistados se referem a Belo Horizonte como cidade ideal para pessoas em situação de rua. “E aqui Belo Horizonte é uma cidade muito boa dessas coisa, sabe?” (E1). Esse achado pode ser justificado pelo tamanho da cidade de Belo Horizonte – uma metrópole, o que criaria condições tidas como “ideais” para pessoas em situação de rua.

O contínuo uso de drogas, nessa taxonomia, aparece como desejo, uma vez que alguns entrevistados reportam que não que-

rem parar de usá-las: “que ninguém quer parar de usar a droga” (E7). Inquestionavelmente, a busca do prazer por meio do uso de drogas constitui um risco, pois o lado negativo do desejo de se obter prazer com o uso de drogas é o risco que ele corre de se tornar dependente e comprometer a realização de tarefas normais do dia-a-dia.¹⁷

Outros entrevistados simplesmente verbalizam que não querem voltar para casa: “E não quer voltar! Meu pai já me chamou pra casa três vezes. Eu não quero!” (E11), fato já observado na literatura em trabalho que mostra que às vezes a pessoa em situação de rua opta por continuar nessa situação, mesmo tendo a chance de voltar para casa.¹⁸

Enfatizamos que a opção de permanecer na rua foi verbalizada por vários entrevistados. Estes traziam histórias de sérios desentendimentos familiares e uso de drogas. Esse achado leva à reflexão de que nem sempre a família é considerada um porto seguro.

O gosto pela total liberdade parece estar fortemente atrelado às causas de manutenção da vivência na rua: “Aí quando eu conheci a primeira vez o mundo, ah isso que eu quero, essa liberdade.” (E1) Um dos entrevistados relata que “[...] eu fiquei apaixonado aqui, bom demais esse parque municipal!” (E10). A atual moradia parece superar até mesmo o conforto de uma casa.

Foi recorrente a questão da ajuda dos outros (entidades ou pessoas), aparecendo também como causa que mantém a pessoa na situação de rua: “É[...] ocê come, bebe, enche a cara e não precisa trabalhar, ou é mentira minha?” (E15) “Porque é o seguinte, porque na rua ocê tem comida, tem dinheiro, tem cachaca, das veiz você se envolve até com mulheres da rua [...]” (E16). Relembramos que ainda permanecem nas políticas de enfrentamento à miséria no Brasil concepções e práticas assistencialistas, clientelistas e patrimonialistas.¹⁹ O assistencialismo pode ser considerado uma política de exclusão que retroalimenta a miséria.²⁰

As atenções para as pessoas em situação de rua provêm de fontes variadas. Há referências de ONGs, ajuda do Estado, caridade e ajuda religiosa. Consideramos interessante o aspecto da profissionalização, referido por alguns entrevistados, constituindo a taxonomia 6. Para estes, essas fontes de apoio “estão conosco pra ajudar[...] é[...] pra colocar nós, os moradores de rua, é[...] para trabalhar, ou seja, tá quereno abrir as portas das empresas deles para nós trabalharmos” (E9).

Os entrevistados sugerem no decorrer do estudo as formas de apoio para pessoas em situação de rua.

TAXONOMIA 6: FONTES DE APOIO ÀS PESSOAS EM SITUAÇÃO DE RUA

Novamente são citados benefícios como albergues e alimentação. Há questionamentos acerca de objetivos e resultados de trabalhos considerados “assistencialistas”, pois enquanto se pensar em assistência social como repasse de recursos, sempre se estará lidando com recursos finitos para uma demanda infinita.²⁰

A caridade também é citada, procedendo de vários *locus*: “tem pessoas na rua também muito boas, que passa a noite, que dão cobertor proê dormir” (E18). Esse entrevistado cita “pessoas na rua muito boas”, indicando a existência de solidariedade, mesmo em um meio permeado pela violência, como a rua.

Há pessoas em situação de rua que apresentam autopercepções negativas, mas também há as autopercepções positivas.

TAXONOMIA 7: TIPOS DE AUTOPERCEPÇÕES DO MORADOR DE RUA

Um dos entrevistados afirma “meu nome é limpo” (E10), o que pode ser interpretado como “condição de não dever nada a ninguém”. Alguns se orgulham de ser trabalhadores, o que lhes confere honradez.

Avaliando as autopercepções negativas, inferimos que qualquer trabalho social que seja direcionado para pessoas em situação de rua implica necessariamente o resgate da autoestima. Muitos têm vergonha da situação, comparando-se a “um cachorro” (E11).

Alguns verbalizam sentimento de tristeza estampada na expressão facial, procurando inclusive conter as lágrimas: “[...] eu sou um cara solitário, triste, não sou digno de olhar mulher bonita igual ocês, porque a gente é feio” (E15).

Há representações sociais pejorativas em relação à população em situação de rua, que se materializam nas relações sociais. São designações comuns dirigidas às mesmas: “vagabundo, preguiçoso, bêbado, sujo, perigoso, coitado, mendigo.”¹⁴ Dessa forma, sentir-se excluído é um sentimento real e respaldado pela própria sociedade.

O depoimento seguinte retrata sentimentos de exclusão social, reforçados pelo adjetivo “ridículo”: “E eu me sinto[...] fora da sociedade. Me sinto um cara, né[...] ridículo” (E2).

As formas de expressar a vivência na rua apresentam-se ligadas aos sentimentos e à luta pela sobrevivência, descritos na taxonomia 8.

TAXONOMIA 8: FORMAS DE EXPRESSAR A VIVÊNCIA NA RUA

A tristeza foi verbalizada por alguns depoentes: “Eu acho triste. É porque já tentaram me ajudar várias veze, né[...] foi muitas veze, não foi pouca não, já tentaram me ajudar, mas como eu não via resultado[...]” (E12).

A dificuldade foi expressa em várias situações. Verificou-se que a vida na rua é manifestada por meio das dificuldades ligadas à sobrevivência e à convivência com o estigma da “rualização”. “Porque a vida na rua é muito difícil, cê enfrentar isso aqui de cara[...] é embaçado” (E18).

O cansaço e o sofrimento podem ser atribuídos às más condições de subsistência, à preocupação de não saber como

será o amanhã e também ao emaranhado de sentimentos ligados ao passado, ao presente e ao futuro. “A fisionomia vai ficando bem de velho, o sol, muito sol no rosto, então, cartiga bastante, né?” (E1). De todos os depoimentos desta taxonomia emergem sentimentos de dificuldades ligadas à afetividade ou ainda às condições de sobrevivência.

O TEMA CULTURAL: O USO DE DROGAS

O uso de drogas (lícitas e ilícitas) foi considerado tema cultural deste estudo, uma vez que se constituiu em um conceito recorrente em vários domínios e também nas taxonomias 1, 2, 3, 4 e 5.

Drogadição, dependência química, são diversos os termos utilizados para se denominar o uso de drogas. O fato é que estas se encontram fortemente inseridas na sociedade, como nos mostra a mídia, o dia-a-dia das grandes cidades e agora este trabalho, entre outros. Discutir e cuidar da dependência química na atualidade é encará-la dentro do modelo biopsicossocial de saúde, considerando a pessoa em sua totalidade, encarando-a como um ser ativo no processo saúde/doença.²¹

Pudemos detectar que, das drogas ilícitas, a mais referida foi o *crack*: “[...] praticamente trabalho pra manter meu vício. É o *crack*” (E13).

O consumo de drogas na rua é considerado um fator de sociabilidade, elemento da criação pontual de grupos e objeto de solidariedade, tanto quanto de disputas e conflitos.¹⁰

Percebemos que o uso das drogas especificamente no meio das pessoas em situação de rua ora mostrou-se como causa da atual situação, ora como consequência, ora como ambos. Alguns entrevistados verbalizaram, inclusive, “[...] que ninguém quer parar de usar a droga” (E8).

O álcool, além de largamente citado, mostrou-se muito presente na vida dessas pessoas, uma vez que presenciamos seu uso em vários momentos. É consumido em grupos ou individualmente. Alguns o citam como motivo de “queda” na trajetória de suas vidas: “Caí na pingaiada, na cachaçada...” (E9).

Percebemos que o consumo de drogas e a vivência em situação de rua são temas que convergem entre si, sendo difícil estudá-los isoladamente. No contexto da rua, a droga faz parte do cotidiano. Isso remete a reflexões sobre a questão da qualidade de vida das pessoas. Lembra-se que temas que envolvem qualidade de vida são bastante pesquisados em um contexto internacional.²²

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Durante semanas frequentamos o cenário das ruas e pudemos conviver com alguns de seus moradores. Cada um traz sua história de vida, porém muitas são semelhantes em relação

a causas, opção (ou falta de) e motivos da permanência na rua como “moradia”.

Descortinar a vivência da situação de rua mostrou-se como um desafio, favorecendo, inclusive, a quebra de preconceitos. Consideramos que os objetivos deste trabalho foram parcialmente alcançados, pois pudemos compreender algumas das motivações desse grupo cultural, bem como as experiências de vida de seus atores.

A atuação do profissional da saúde não se limita a intervir nos agravos, mas tem papel crucial na prevenção desses. A “rualização” pode ser considerada um agravo social, pois se trata de um emaranhado de causas e conseqüências: drogas, conflitos familiares, relacionamentos fracassados, desemprego, enfim, motivações que merecem um olhar especial dos profissionais da saúde e das ciências sociais, bem como dos governantes.

Recomendamos que mais estudos primários sejam realizados, com novos olhares sobre o tema, pois não se trata simplesmente de rótulos (mendigos, vagabundos), mas de pessoas, seres humanos que algum dia possuíram um endereço fixo.

AGRADECIMENTOS

Agradecemos à Fundação de Amparo à Pesquisa de Minas Gerais (FAPEMIG), por ter financiado esta pesquisa.

REFERÊNCIAS

1. Bretas ACP, Marcolan JF, Rosa AS, Fernandes FSL, Raizer MV. Quem mandou ficar velho e morar na rua? *Rev Esc Enferm USP*. 2010; 44:476-81.
2. Botti NCL, Castro CG, Silva AK, Silva MF, et al. Padrão de uso de álcool entre homens adultos em situação de rua de Belo Horizonte. *SMAD*. 2010; 6(N. Esp.):536-55.
3. Matias HJD, Francischini R. Desafios de etnografia com jovens em situação de rua: a entrada em campo. *Psicol Refl Crít*. 2010; 23:243-52.
4. Mattos RM, Ferreira RF. Quem vocês pensam que (elas) são? Representações sobre as pessoas em situação de rua. *Psicol Soc*. 2004; 16:45-58.
5. Jorge JS, Corradi-Webster CM. Consultório de Rua: contribuições e desafios de uma prática em construção. *Saúde Transform Soc*. 2012; 3:39-48.
6. Spradley J. *The Ethnographic Interview*. New York: Holt; 1979.
7. Spradley J. *Participant observation*. New York: Holt Rinehart & Winston; 1980.
8. Hammersley M, Atkinson P. *Ethnography: principles in practice*. New York: Tavistock; 1983.
9. Oliveira JBA, Lopes RGC. O processo de luto no idoso pela morte de cônjuge e filho. *Psicol Estud*. 2008; 13:217-21.
10. Raup LM, Adorno RCF. Jovens em situação de rua e usos de crack: um estudo etnográfico em duas cidades. *Rev Bras Adolec Conf*. 2011; (4):52-67.
11. Ericeira RCS. O homem na pós-modernidade: reflexões sobre as identidades masculinas em São Luís-MA. *Psicol Am Lat*. 2008; 13. [Citado em 2012 dez. 10]. Disponível em: <<http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php>>
12. Resende VM. Representação discursiva de pessoas em situação de rua no “Caderno Brasília”: naturalização e expurgo do outro. *Ling (Dis)Curso*. 2012; 12:439-65.
13. Costa APM. População em situação de rua: contextualização e caracterização. *Revista Virtual Textos Contextos*. 2005; 4(4). [Citado 2012 ago. 03]. Disponível em: <http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/fass/article/view/993>
14. Alavarse GMA, Carvalho MDB. Álcool e adolescência: o perfil de consumidores de um município do norte do Paraná. *Esc Anna Nery Rev Enferm*. 2006; 10:408-16.
15. Bonatto FRO, Ribeiron DC, Salles JC, Stoppa LM, Freitas TR. Dar e receber esmolas e processo de subjetivação. *Psicol Rev*. 2007; 13:339-62.
16. Bagno S, Ewald AP, Cavalcante FG. Trajetória Severino: a migração e a pobreza no Brasil. *Literatura em Debate*. 2008; 2:1-11.
17. Schenker M, Minayo MCS. Fatores de risco e de proteção para o uso de drogas na adolescência. *Ciênc Saúde Coletiva*. 2005; 10:707-17.
18. Siqueira AC, Zoltowski AP, Giordani JP, Otero TM, Dell’Aglia DD. Processo de reinserção familiar: estudo de casos de adolescentes que viveram em instituição de abrigo. *Estudos Psicol*. 2010; 15:7-15.
19. Yasbek MC. O programa fome zero no contexto das políticas sociais brasileiras. *São Paulo Perspec*. 2004; 18:104-12.
20. Ramminger T. Psicologia comunitária X assistencialismo: possibilidades e limites. *Psicol. Ciênc Prof*. 2001; 21:42-5.
21. Pratta EMM, Santos MA. O processo saúde-doença e a dependência química: interfaces e evolução. *Psicol Teor Pesqui*. 2009; 25(2): 203-11.
22. Cartaxo HGO, Silva EAPC, Santos ARM, Siqueira PGBS, Pazzola CM, Freitas CMSM. Percepção de pessoas idosas sobre o envelhecimento com qualidade de vida: subsídios para intervenções públicas. *Rev Rene*. 2012; 13:158-68.